

As ilhas no percurso das famílias trabalhadoras do Porto em finais do século XIX

Gaspar Martins Pereira

No Porto da segunda metade do século XIX, a par do desenvolvimento da industrialização, do aumento demográfico e do crescimento das alterações urbanísticas, agrava-se a «questão do alojamento» popular. Uma população numerosa (cerca de um terço da população da cidade, em finais do século) acumula-se nas «ilhas», onde se gera um microcosmos cultural e social, marginalizado e temido pelas autoridades e pelas elites da época como um perigo sanitário e «moral» a extirpar do espaço urbano, mas, simultaneamente, estimulado pela especulação imobiliária. Se a insistência nos problemas de insalubridade e de sobreocupação fez descurar, durante muito tempo, a análise da ilha enquanto espaço social, a prática da Arquitectura e dos serviços de intervenção urbana nos anos setenta do século XX (em particular as propostas do SAAL de «exteriorizar a ‘cidade escondida’») ou os estudos recentes da Sociologia e da Antropologia (em particular, de Virgílio Pereira e Paulo Castro Seixas) destacam a importância dessa modalidade de alojamento como espaço de resistência e de integração da população pobre na cidade. Nesta perspectiva, a presente comunicação pretende reequacionar alguns estudos anteriores de análise histórica, tentando perceber as ilhas do Porto em finais do século XIX enquanto espaços de integração das famílias trabalhadoras.